

# Aula 8

## ENCONTROS VOCÁLICOS E VOGAIS NASAIS

### **META**

Introduzir um debate acerca da análise dos encontros vocálicos e da existência ou não das vogais nasais.

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá:  
distinguir ditongo crescente de ditongo decrescente;  
identificar ditongo e hiato.  
classificar as vogais nasais segundo a NGB e segundo Mattoso Câmara Jr.  
distinguir nasalidade de nasalação.

### **PRÉ-REQUISITO**

aula 07.

**Denise Porto Cardoso**

### INTRODUÇÃO

Na aula 07, você estudou as vogais que funcionam como núcleo de sílaba. Nesta aula você verá que as vogais mais altas das séries anterior e posterior podem ocupar também posição de margem da sílaba. Assim, teríamos um [i] e [u] silábicos e um [ɪ] e [ʊ] assilábicos. Neste segundo caso têm-se os chamados ditongos ou tritongos que contrastam com vogal simples. “Embora o português seja uma língua que se notabiliza por possuir ditongos e tritongos orais e nasais, ainda inexistem estudos mais aprofundados, quer fonéticos, quer fonológicos, sobre as vogais assilábicas.” (CALLOU; LEITE, 2005, p. 90). Temos, por outro lado, alguns ditongos que se transformam em simples vogais na fala, o que cria um problema de escrita principalmente nas séries iniciais do Ensino Básico.

O estudo dessas vogais tem ocupado a atenção de especialistas desde o século XIX. Por isso existem algumas posições teóricas que procuram dar conta da descrição desses fonemas do português. “Uma das particularidades importantes e distintivas da língua portuguesa são os sons nasais. É considerada por alguns como sendo a maior dificuldade fonológica de nossa língua.” (SIMÕES, 2006, p. 32).



### ENCONTROS VOCÁLICOS

Os encontros vocálicos referem-se à sequência de sons vocálicos (vogais e/ou semivogais) que podem ocorrer numa mesma sílaba ou em sílabas diferentes. A pronúncia mais forte será sempre a das vogais, enquanto as semivogais ou vogais assilábicas serão mais fracas.

Em português, há três espécies de encontros vocálicos: ditongo, tritongo e hiato.

## OS DITONGOS

O ditongo é o encontro de uma vogal + uma semivogal, ou de uma semivogal + uma vogal. Os ditongos podem ser:

- a) decrescentes ou crescentes;
- b) orais ou nasais.

O ditongo é decrescente quando a semivogal vem depois da vogal. Exemplo: meu, foi, réu. Quando a semivogal precede a vogal, o ditongo é crescente. Exemplo: linguista, quase. Em português, apenas os ditongos decrescentes são considerados estáveis. Considera-se ditongo estável aquele ditongo que permanece sempre como ditongo; enquanto o ditongo é instável quando pode ser considerado tanto como ditongo quanto como hiato. Na linguagem coloquial, somente os ditongos crescentes que têm a semivogal /ɨ/ precedida de /k/ (grafado q), ou de /g/ apresentam estabilidade. Exemplos: quase, lingueta.

Os chamados ditongos crescente ocorrem com menor frequência – e são mais instáveis – sempre antecidos de consoante velar [k] ou [g], em formas como qual, igual, frequente, equestre, quinquênio, unguento, aguentar etc. (CALLOU; LEITE, 2005, p. 92.)

Da mesma forma que as vogais, os ditongos podem ser orais ou nasais. Os ditongos nasais são sempre fechados (mãe, pão, limões), enquanto os orais podem ser abertos (pai, véu, ideia) ou fechados (seu, foi, meia).

Rocha Lima, em sua Gramática Normativa da Língua Portuguesa, considera os ditongos decrescentes os verdadeiros ditongos, porque eles funcionam sempre como ditongo ao passo que os ditongos crescentes podem ser ditongos ou hiatos. Ele afirma que

Há encontros instáveis, isto é, que acusam certa flutuação de pronúncia – flutuação condicionada a fatores de ordem regional, ou grupal, e, ainda, ao grau de tensão psíquica do sujeito falante.

Estão neste caso:

1. Os encontros ia, ie, io, ua, ue, uo (átonos e finais de vocábulo): série, ausência, pátio, árdua, ténue, vácuo.
2. Os encontros de i ou u (átonos) com a vogal seguinte (tônica ou átona): fiel, luar, suor, crueldade, violento, persuadir, prior.

\* Na fala espontânea do Rio de Janeiro, em condições normais de elocução, os encontros do primeiro tipo são ditongos e os do segundo, hiato. (ROCHA LIMA, 2010, p. 20).

Já o professor Evanildo Bechara na Gramática Escolar da Língua Portuguesa, quando trata dos ditongos crescentes faz a seguinte afirmação:

Ver glossário no final da Aula

Em muitos destes casos pode ser discutível a existência de ditongos crescentes “por ser indecisa e variável a sonoridade que se dá ao primeiro fonema. Certo é que tais ditongos se observam mais facilmente na **hodierna** pronúncia lusitana brasileira, em que a semivogal, embora fraca, costuma conservar sonoridade bastante sensível” [Said Ali]. A divisão silábica obedecerá às normas ortográficas, isto é, serão sempre di-a-bo, man-di-o-ca, pi-o-lho, mi-ú-do, du-al, má-go-a, sé-rie, gló-ria. Este descompasso entre a realidade fonética e a ortográfica só não será observado na divisão de sílabas métricas dos versos. (BECHARA, 2010, p. 562).

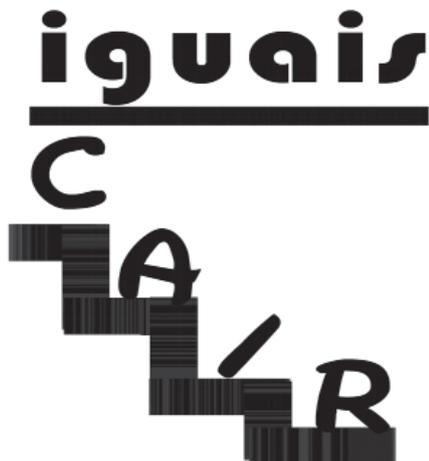
### A MONOTONGAÇÃO

O fenômeno da monotongação é um processo de mudança sistemático e frequente em todas as fases da formação do sistema fonológico do português. Por isso a grande maioria das gramáticas históricas trata do assunto. Mas, de que se trata a monotongação? Segundo Mattoso Câmara Jr., a monotongação é uma mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples...chama-se "monotongo à vogal resultante deste processo principalmente quando a grafia continua a indicar o ditongo e ele ainda se realiza em uma linguagem mais cuidadosa". (MATTOSO, 2001, p. 170)

### OS TRITONGOS E OS HIATOS

Além dos ditongos temos os tritongos e os hiatos. O tritongo é o encontro de uma vogal entre duas semivogais, claro que numa mesma sílaba. São orais os tritongos /UaI/, /UeI/, /UiI/, /UoU/ como em quais, enxaguei, deliniqui, apaziguou; e são nasais os tritongos: /UãU/, /UẽI/, /UõI/, como em quão, enxáguem, saguões. Observe que nos tritongos /UãU/ e /UẽI/ a semivogal pode não vir representada graficamente (minguam, enxáguem).

Hiato é o encontro de duas vogais em sílabas diferentes por guardarem sua individualidade fonética. No português, podem se encontrar hiato:



1. entre vogais iguais átonas como em caatinga; nesse caso há uma tendência muito grande ao fenômeno da crase, pronunciando-se apenas um fonema.

2. entre vogais iguais, sendo a primeira tônica como em creem; nesse caso, destrói-se o hiato pela inclusão de uma semivogal /I/, ocasionando a pronúncia [ˈkrɛIẽ]. Há também a pronúncia sem o hiato como em [ˈkrɛẽ].

3. entre vogais iguais, sendo tônica a segunda como em graal; aqui também pode ocorrer crase, como em alcoólico pronunciado simplesmente [aŭ'kɔlikũ]. Entretanto a palavra graal resiste a crase porque existe a palavra grau no português.
4. entre vogais diferentes átonas, como em violento;
5. entre vogais diferentes, sendo a primeira tônica como em atue; a maioria desses hiato tendem a ser ditongados, ou seja, transformam-se em ditongo. Assim é que essa forma verbal atue é frequentemente pronunciada como [a'tuɪ̯]. Mas quando a vogal átona é baixa, o hiato se mantém: lua, tia, sua, rua etc.
6. entre vogais diferentes sendo a segunda tônica como em caolho.

Nem tudo é tão simples nos encontros vocálicos. Existem palavras como paio, praia, cheia, meia etc que são analisadas na maioria das gramáticas como tendo um ditongo e um hiato, entretanto “sendo o hiato o encontro de vogal-base + vogal-base, ele não existe a rigor, em palavras como goiaba, Mau-á – nas quais a semivogal (de oi e de au) desfaz aquela sequência (ROCHA LIMA, 2010, p. 20) Alguns autores como Bechara atestam a duplicidade articulatória da semivogal.

Desenvolvem-se um /y/ semivogal (símbolo chamado em gramática **iode**) ou /w/ semivogal (símbolo chamado uau) nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: praia = prai-a; cheia = chei-a; **tuxaua** = tuxau-ua; goiaba = goi-a-ba.

“Nos hiatos cuja primeira vogal for u e cuja segunda vogal for final de vocábulo (seguida ou não de s gráfico), o desenvolvimento do uau variará de acordo com as necessidades expressivas ou as peculiaridades individuais”: nua = nu-a ou nu-ua; recue = re-cu-e ou re-cu-ue; amuo = amu-o ou a-mu-uo.

Autores há que também consideram hiato quando se trata de uma vogal e uma semivogal, como no caso de goiaba, joia, etc. (BECHARA, 2010, p. 564).

Ao contrário, existe realmente ditongo e hiato em palavras como mate-ri-ais, ma-go-ei, cri-ou, con-clu-iu. Nessas palavras o ditongo decrescente vem depois da vogal; assim há realmente encontro de duas vogais: a vogal da sílaba anterior e a vogal do ditongo.

Para esclarecer essas e outras dúvidas em relação aos encontros vocálicos, muitos gramáticos apoiam-se em referenciais mais ligados à escrita em detrimento da pronúncia.



### ATIVIDADES

1. Reconheça os casos de monotongação, levando em conta a sua pronúncia:

- |                 |                 |
|-----------------|-----------------|
| a) travesseiro  | b) comeu        |
| c) deixar       | d) encaixar     |
| e) endinheirado | f) feixe        |
| g) lantejola    | h) manteigueira |
| i) ouro         | j) restaurante  |
| k) aumento      | l) besouro      |
| m) carteira     | n) inteira      |
| o) foi          | p) achei        |
| q) olhou        | r) pai          |
| s) ouvido       | t) cavaleiro    |
| u) jeito        | v) acabei       |
| w) mais         | x) pois         |
| y) baixo        | z) encolheu     |

2. Numere a primeira coluna de acordo com a segunda:

- |                |                               |
|----------------|-------------------------------|
| ( ) humildade  | (1) ditongo nasal crescente   |
| ( ) atenção    | (2) ditongo nasal decrescente |
| ( ) explicou   | (3) ditongo oral crescente    |
| ( ) abaixo     | (4) ditongo oral decrescente  |
| ( ) morreu     | (5) tritongo oral             |
| ( ) mensagem   | (6) tritongo nasal            |
| ( ) caligrafia | (7) hiato                     |
| ( ) também     |                               |
| ( ) dia        |                               |
| ( ) qual       |                               |
| ( ) quão       |                               |
| ( ) agüenta    |                               |
| ( ) aquarela   |                               |
| ( ) comunhão   |                               |
| ( ) finalmente |                               |
| ( ) afinal     |                               |
| ( ) degrau     |                               |
| ( ) coisa      |                               |
| ( ) feriu      |                               |
| ( ) lançavam   |                               |

3. Comente sobre o fonema intervocálico presente em: boiada, feio, paio, saia, maio

4. Separe as sílabas das palavras:

1. sabia = \_\_\_\_\_
2. conseguiu = \_\_\_\_\_
3. dias = \_\_\_\_\_
4. seguia = \_\_\_\_\_
5. sabiam = \_\_\_\_\_
6. todavia = \_\_\_\_\_
7. insinuou = \_\_\_\_\_
8. contraiu = \_\_\_\_\_
9. Uruguaiana = \_\_\_\_\_
10. viajar = \_\_\_\_\_
11. acariciar = \_\_\_\_\_
12. tainha = \_\_\_\_\_
13. ruim = \_\_\_\_\_
14. raiz = \_\_\_\_\_
15. contratuais = \_\_\_\_\_

## VOGAIS NASAIS

Foneticamente, as vogais nasais são produzidas com o abaixamento do véu palatino, permitindo que o ar vindo dos pulmões saia tanto pela cavidade bucal quanto pela cavidade nasal. Quando o véu palatino é abaixado, há uma alteração da configuração da cavidade bucal fazendo com que a qualidade vocálica das vogais nasais seja diferente da das vogais orais correspondentes. Entretanto, como essa diferença é mínima, adotamos os mesmos símbolos utilizados na representação das orais para representar também as vogais nasais. Colocamos apenas um til acima da vogal como marca de nasalidade. As vogais nasais devem ser transcritas como [ã], [ẽ], [ĩ], [õ] e [ũ], como o faz a maioria dos autores. Como você deve ter percebido não existe diferença entre as vogais médias abertas e fechadas, porque as línguas naturais não fazem diferenciação entre as vogais nasais abertas e fechadas. “Isso significa que [ẽ] e [ẽ̃] são equivalentes. O mesmo é válido para [õ] e [õ̃]. (SILVA, 2007, p.91)

A tradição gramatical consolidou a noção de vogal nasal como uma vogal dotada do traço da nasalidade, que se contrapõe, por esse motivo, à sua correspondente oral. É essa opinião que encontramos na maioria das gramáticas.

Ocorrendo o abaixamento do véu palatino, divide-se a coluna de ar entre a boca e as fossas nasais, produzindo-se uma ressonância nasal.

Essas vogais chamam-se, então, nasais:

[ã], [ẽ], [ĩ], [õ] e [ũ].

As vogais nasais são representadas na escrita pelas cinco letras (a, e, i, o, u), seguidas de m ou n; em sílaba final, o a nasal grafa-se com til (avelã, irmã, cidadã) (ROCHA LIMA, 2010, p. 16)

As marcas de til ou de [m] e [n] indicam o abafamento (ou travamento) da vogal, ou seja, indicam que a maior parte da corrente expiratória que produz a nasalidade sai pelo nariz. Conseqüentemente, “as consoantes que figuram no declive silábico como travadores nasais não têm valor sonoro próprio, mas funcionam como elemento diferenciador entre a vogal nasal e a vogal não-nasal (ou oral), o que distingue vocábulos em português e, portanto tem valor fonológico.” (SIMÕES, 2006, p. 33) O professor Evanildo Bechara também confirma essa classificação:

São nasais as vogais que, em sua produção, ressoam nas fossas nasais. Há cinco vogais nasais (/ã/, /ẽ/, /ũ/, /õ/, /ĩ/): lã, canto, campina, vento, ventania, límpido, vizinhança, conde, condessa, tunda, pronunciamos. É o fenômeno da ressonância, e não da saída do ar, o que opõe os fonemas orais aos nasais.

Quanto ao timbre as vogais nasais tônicas e subtônicas são fechadas e as átonas, reduzidas (BECHARA, 2010, p. 559).

Como vemos as gramáticas do português sempre consideram a existência de vogais nasais ao lado de vogais orais porque esta é a opinião da Nomenclatura Gramatical Brasileira. Ou seja, consideramos que na língua portuguesa existem 12 vogais: 7 (sete) fonemas vocálicos orais e 5 (cinco) fonemas vocálicos nasais. Além da ressonância nasal, estas vogais nasais se diferenciam das orais porque têm timbre sempre fechado. Assim, o quadro fonológico das vogais nasais em sílaba tônica é o seguinte:

	posteriores	central	anteriores
altas	/ĩ/		/ũ/
médias			/õ/
baixa		/ã/	

Convém chamar a atenção de que a vogal nasal /e/ recebe a forma fonética de um ditongo - [ẽɪ] – quando ocorre em posição final de vocábulo como nas palavras bem, sentem, amém, pronunciadas [ˈbẽɪ], [ˈsẽɪ], [aˈmẽɪ], respectivamente. Essa nasalidade das vogais em posição final é considerada uma característica particular da língua portuguesa.

Também interessante notar que a vogal /ẽ/ não se manifesta em sílaba final, caso em que predomina uma pronúncia ditongada [ẽɪ]: também, alguém etc. Por sinal, [ẽɪ] mesmo em sílabas iniciais e internas em certas vertentes diatópicas, como a do português paulistano: encontro [eɪ'kõtɾu], aumento [aw'meɪtu] (CAVALIERE, 2005, p.87).

Também em relação à representação ortográfica as vogais nasais apresentam o traço da nasalidade, como vimos, assinalado pelas letras m ou n em certos casos como tempo, cinco, tanto, em outros é assinalado com o uso do til como em pão, chão. Como podemos comprovar nesta citação de Cavaliere:

A palavra cançã, que designa o conhecido tipo de dança dos cabarés parisienses, registra o a nasal mediante uso de an e ã tendo em vista sua mera posição silábica. Trata-se aqui, enfim, de distinções que somente a arbitrariedade das regras ortográficas pode explicar. Verifica-se, pois, que o tratamento aplicado às vogais nasais sempre teve caráter contraditório, que se mantém até os dias atuais, não obstante vários tenham sido os estudos dedicados a esse interessante tema da Fonologia portuguesa (CAVALIERE, 2005, p. 85).

Assim, alguns estruturalistas propõem que as vogais nasais sejam entendidas como fonemas distintos das respectivas vogais não-nasais, opondo-se a estas pela qualidade da nasalidade. Dessa forma classificaríamos as vogais nasais como o ã de canto = /'kãtu/ da seguinte forma:

/ã/ = vogal central, baixa, fechada, tônica, nasal.

E as vogais nasais escritas am, an, em, en, im, in, om, on, um, un seriam consideradas dígrafos vocálicos; aumentando assim o número de dígrafos existentes na nossa língua.

Uma outra hipótese, aquela defendida pelo linguista Joaquim Mattoso Câmara Jr., considera as vogais nasais como variantes não distintas de suas correspondentes orais. Afirmo Mattoso: "bem atenção ao classificar as vogais para não colocar o traço da nasalidade em vogais que são apenas nasaladas. ... é preferível partir do arquifonema nasal /N/ como o fato estrutural básico, que acarreta, como traço acompanhante, a ressonância nasal da vogal." (MATTOSO, 2011, p. 59) Assim, a vogal nasal é considerada como um grupo de dois fonemas vogal + arquifonema nasal, ou seja, aN, eN, iN, oN, uN. A palavra canto seria transcrita /'kaNtu/ e o a nasal seria classificado como:

/a/ = vogal central, baixa, aberta, tônica, oral.

/N/ = arquifonema nasal

De acordo com essa interpretação teríamos na língua portuguesa um tipo de sílaba travada por um elemento nasal, o arquifonema nasal /N/, que se realiza como [n] diante de consoante anterior [l<sup>e</sup>d<sup>ə</sup>], como [m] diante de consoante labial [sã<sup>m</sup>b<sup>ə</sup>], e como [ŋ] diante de consoante posterior [sã<sup>ŋ</sup>gɪ]. Mas diante de pausa o elemento consonântico se reduz a zero. Mattoso Câmara considera o argumento contrário à existência fonológica da consoante nasal como um argumento de ordem psicológica e não de ordem estrutural, porque é baseado no fato de que o falante e/ou ouvinte sente a existência da vogal nasal e não percebe o elemento consonântico pós-vocálico.

A gramática normativa, como vimos, interpreta a vogal nasal como dígrafo e afirma que não existe encontro consonantal em palavras como tenda, pampa uma vez que o n e o m indicariam a nasalidade da vogal que o antecede e são, portanto, dígrafos vocálicos.

### NASALIDADE E NASALAÇÃO

Em todos esses casos que vimos até aqui está presente a nasalidade, ou seja, o traço nasal é decisivo para a significação e, portanto, relevante do ponto de vista fonológico. Assim, campo [kãpɯ] se distingue de capo [kapɯ] pelo traço nasal da vogal tônica. Entretanto, em muitas palavras do português como lima, cano, tema, cone, punho, a vogal assimila a nasalidade da consoante nasal da sílaba seguinte e tem-se como resultado uma pronúncia anasalada como [lĩm<sup>ə</sup>], [kã<sup>ɯ</sup>], [tẽm<sup>ə</sup>], [kõ<sup>n</sup>ɪ], [pũ<sup>ɲ</sup>ɯ].

Ora, essa nasalação vocálica, condicionada pela consoante da sílaba seguinte, não tem valor fonológico. Não há contraste distintivo entre [kãm<sup>ə</sup>] e uma também possível enunciação [kam<sup>ə</sup>] sem a nasalação da vogal (MATTOSO, 2009 p. 32).

Foi o professor Mattoso Câmara quem primeiro chamou atenção para essa nasalação da vogal sem traço distintivo. Convém chamar atenção para um fato da norma da língua portuguesa: todas as vogais tônicas antes de uma consoante nasal na sílaba seguinte são pronunciadas nasaladas. Entretanto quando a vogal é átona

a nasalação atua como traço marcante nas variantes diatópicas do português brasileiro. As vogais pretônicas de canela, janela e panela, se anasaladas, denunciam uma pronúncia típica da região linguística do Norte e Nordeste, ao passo que, se orais, refletem a pronúncia mais disseminadas no Sudeste do país. (CAVALIERE, 2005, p. 86).

Não poderíamos terminar a nossa aula sem assinalar que a maioria das gramáticas, numa análise estritamente fonética, denomina nasais tanto as

vogais marcadas pelo traço da nasalidade quanto aquelas que possuem apenas nasalização. Por isso você deve prestar bem atenção ao classificar as vogais para não colocar o traço da nasalidade em vogais que são apenas nasaladas.



## CONCLUSÃO

O estudo dos encontros vocálicos não é tão simples como se aprende nas primeiras séries do Ensino Fundamental. Mas também não é tão complicado! A questão é que normalmente os professores não voltam a tratar do assunto em outras séries, quando os alunos já têm um outro conhecimento e mesmo uma maturidade do português falado no Brasil. Nesta aula, tratamos do assunto de forma da fonologia da língua portuguesa. Seria bom que você lesse o item 25 do capítulo VI do livro de Estrutura da Língua Portuguesa de Mattoso Câmara Jr. que trata da existência ou não dos ditongos em português.

Existem duas hipóteses para a interpretação das vogais nasais em português. A primeira hipótese admite que as vogais nasais são entendidas como fonemas distintos das vogais não-nasais, ou seja, as vogais nasais se opõem às vogais não nasais pelo traço da nasalidade. A segunda hipótese interpreta as vogais nasais como variantes não distintas das vogais orais e, por isso mesmo, considera as vogais nasais como um grupo de dois fonemas, ou seja, vogal + arquifonema nasal. Em outras palavras, na primeira hipótese temos 12 (doze) fonemas vocálicos no português (/a,ɛ,e,i,ɔ,o,u,ã,ẽ,ĩ,õ,ũ/); na segunda hipótese temos apenas 7 (sete) na língua portuguesa (/a,ɛ,e,i,ɔ,o,u/).



### RESUMO

São três os tipos de encontros vocálicos: ditongos, tritongos e hiatos. Ditongo é o encontro de uma vogal com uma semivogal. Os ditongos podem ser decrescentes, quando a vogal vem antes da semivogal como em rei, e crescentes quando a semivogal vem antes da vogal como em quase. Somente os ditongos decrescentes são considerados estáveis; os ditongos crescentes são, na maioria das vezes, considerados instáveis. Alguns ditongos como [aɪ], [eɪ] e [oʊ] podem ser monotongados, ou seja, se transformam em vogal simples. O tritongo é o encontro de uma vogal entre duas semivogais, como em Uruguai; enquanto o hiato é o encontro de duas vogais, como saí, país.

Eis as vogais nasais

ã, am, na = vogal central, baixa, fechada, nasal, tônica (como nas palavras tupã, campo, canto).

ã, am, na = vogal central, baixa, fechada, nasal, átona (como nas palavras órfã, tambor, cantor).

em, en = vogal anterior, média, fechada, nasal, tônica (como nas palavras tempo, vento).

em, en = vogal anterior, média, fechada, nasal, átona (como nas palavras temporal, ventania).

im, in = vogal anterior, alta, fechada, nasal, tônica (como nas palavras limpo, lindo).

im, in = vogal anterior, alta, fechada, nasal, átona (como nas palavras limpeza, tintura).

õ, om, on = vogal posterior, média, fechada, nasal, tônica (como nas palavras pôe, tombo, tonto).

om, on = vogal posterior, média, fechada, nasal, átona (como nas palavras lombar, tontura).

um, un = vogal posterior, alta, fechada, nasal, tônica (como nas palavras tumba, fundo).

um, un = vogal posterior, alta, fechada, nasal, átona (como nas palavras cumbuca, mundial).

Isso se considerarmos as vogais nasais como o faz a NGB. Mas se considerarmos as vogais seguidas de arquifonema nasal teremos: aN, eN, iN, oN, uN e classificaremos a vogal oral seguida de arquifonema nasal como o /aN/ da palavra bandido.

/a/ = vogal central, baixa, aberta, oral, átona.

/N/ = arquifonema nasal



## ATIVIDADES

1. Classifique as vogais nasais da frase de acordo com a classificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira: “...os relógios fornecem indicação de data e temperatura, emitem sinais relaxantes que ajudam a diminuir o stress do dia-a-dia, sintonizam estações de rádio e podem, até mesmo, projetar as horas em paredes e tetos, deixando o ambiente com um ar mais futurista” (ISTOÉ /2014-11/6/2008).

2. Dessas vogais nasais da questão 1, assinale as que fazem parte de ditongos nasais: “...os relógios fornecem indicação de data e temperatura, emitem sinais relaxantes que ajudam a diminuir o stress do dia-a-dia, sintonizam estações de rádio e podem, até mesmo, projetar as horas em paredes e tetos, deixando o ambiente com um ar mais futurista.” (ISTOÉ /2014-11/6/2008).

3. Transcreva as palavras abaixo e assinale se há nasalidade ou nasalização de acordo com o seu dialeto:

banheira = \_\_\_\_\_

canhoto = \_\_\_\_\_

camponês = \_\_\_\_\_

camada = \_\_\_\_\_

temperado = \_\_\_\_\_

canavial = \_\_\_\_\_

mentira = \_\_\_\_\_

fundada = \_\_\_\_\_

janela = \_\_\_\_\_

grandeza = \_\_\_\_\_

4. Classifique as vogais nasais da frase de acordo com a classificação de Mattoso Câmara Júnior. “ O resultado da investigação está descrito no livro Quando os médicos se tornam pacientes.”

## REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

CALLOU, Yonne e LEITE, Dinah. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CAVALIERE, Ricardo. **Pontos essenciais em fonética e fonologia**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2011.

**Dicionário de linguística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 2001.

**Problemas de linguística descritiva**. Petrópolis: Vozes, 2009.

ROCHA LIMA, **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 2010.

SILVA, Thais Cristóforo. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos**. São Paulo: Contexto, 2007.

SIMÕES, Darcília. **Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

### GLÓSSARIO

**Hodierna:** Relativo aos dias de hoje, atual.

**Iode:** É o agrupamento de uma semivogal entre duas vogais em qualquer lugar da palavra – começo, meio ou fim. Foneticamente, ocorre duplo ditongo conforme o número de semivogais. A iode será representada com duplo /ɨ/: aɨ-ɨa, eɨ-ɨe, mas essa semivogal será representada apenas por um fonema, e não dois como possa parecer. Assim, a palavra praia tem cinco letras (p-r-a-i-a) e cinco fonemas [p, r, a, ɨ, ə]), mas o /ɨ/ pertence as duas sílabas (praɨ-ɨa).)

**Uau:** O mesmo que iode, mas com a semivogal posterior /ʉ/.

**Tuxaua:** Chefe político dos tuxás, povo indígena.